

A PREGAÇÃO PENTECOSTAL: PRINCÍPIOS TEOLÓGICOS PARA A SUA REALIZAÇÃO

Natanael Amaral¹

Fernando Albano²

RESUMO

O pentecostalismo no Brasil durante muito tempo foi avesso ao estudo teológico sistemático, característica que o tornou vulnerável a influências promotoras de desvios da fé cristã. Isso primariamente se reflete na prática da pregação pentecostal, pelo lugar de primazia que esta ocupa na dinâmica das comunidades. Assim, este artigo tem como objetivo analisar a prática da pregação pentecostal contemporânea, fazendo uma breve leitura da realidade contemporânea desta, bem como rascunhar possibilidades que possam ancorar o exercício da tarefa da pregação no contexto do pentecostalismo. Para isto, Atos 2-4 será tomado como base para se apontar princípios teológicos norteadores para a prática da pregação pentecostal na contemporaneidade.

Palavras-chave: Pregação pentecostal; Assembleias de Deus; Atos; apóstolo; Jesus Cristo.

ABSTRACT

Pentecostalism in Brazil, during a long time, was against the systematic theological study, characteristic which turned it vulnerable to influences that promote the deviation from the Christian faith. This primarily is reflected in the practice of the Pentecostal preaching, for the place of primacy which it occupies in the dynamics of the communities. Therefore,

¹ Graduado em Teologia - Faculdade Refidim, Jlle/SC. Contato: naelmano@yahoo.com.br.

² Licenciado em Ensino Religioso (UNIVILLE/SC), Mestre em Teologia (EST/RS), doutorando em Teologia na mesma instituição; bolsista da Evangelisches Missionswerk da Alemanha. Membro do RELEP - Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais e do Grupo de Pesquisa Teologia Pública em Perspectiva Latino-americana. Coordenador da Azusa: revista de estudos pentecostais/Faculdade Refidim (Jlle/SC) e Professor de Teologia na Faculdade Refidim (SC). Contato: fernando@ceeduc.edu.br.

this article has as objective to analyze the practice of the contemporary Pentecostal preaching, making a brief reading of the contemporary reality of it, as well as sketching possibilities that can anchor the exercise of the preaching duty in the Pentecostal context. For such, Acts 2-4 will be taken as bases to point guiding theological principles for the practice of Pentecostal preaching in contemporaneity.

Keywords: Pentecostal preaching; Assembly of God; Acts; apostle; Jesus Christ.

INTRODUÇÃO

Este artigo procura abordar sobre a prática da pregação pentecostal, considerando alguns aspectos teológicos e culturais que permeiam a atividade do pregador pentecostal. A partir disso se propõe alguns princípios teológicos a partir do modelo bíblico de pregação, principalmente a partir do livro de Atos dos Apóstolos para a pregação contemporânea. Assim, cabe a questão: O modelo de pregação atual corresponde aos rascunhos da pregação presentes na Bíblia? Dentro de um contexto religioso onde se criou uma relação de mercado, a pregação ainda é fiel ao seu propósito elementar?

Ainda que, na maioria das denominações pentecostais a pregação ainda ocupe importante espaço, contudo, será que apesar de o método, o exterior ter se mantido, a essência da pregação, porventura não foi alterada para corresponder às expectativas pós-modernas? A contextualização da mensagem e da prática, do ato de pregar, não tem relativizado também princípios inegociáveis sobre os quais se baseia a pregação cristã?

Com um breve olhar sobre a prática da prédica no contexto pentecostal brasileiro, se constata que apesar de “vestir a mesma roupa” e frequentar praticamente o mesmo lugar de prestígio, existem diferenças marcantes entre as pregações praticadas nas igrejas. Aparentemente, na ânsia de se atualizar, perdeu-se a fronteira entre o sentido de contextualizar a mensagem para melhor comunicar o Evangelho e o moldar a pregação de acordo com as “imposições” da atualidade.

Diante desse breve panorama de possibilidades apresentado, objetiva-se neste artigo esboçar alguns princípios a fim de ajudar na prática da pregação comprometida com o Evangelho, e, assim, também com a comunidade cristã. Por todas essas nuances apresentadas estarem inseridas em um contexto cristão marcado pela pluralidade, desenvolveu-se uma “cultura da pregação” que precisa ser lida de forma equilibrada e realista, com atitude dialógica.

1 BREVE PANORAMA DA PREGAÇÃO PENTECOSTAL NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS

O pentecostalismo, e dentro dele as Assembleias de Deus, vivem uma época de destaque no cenário religioso brasileiro. O crescimento numérico é ainda bastante considerável. Isso naturalmente promove uma pluralidade crescente dentro do ambiente pentecostal contemporâneo. E dentro desse cenário é que desenvolve-se a pregação pentecostal.

1.1 O cenário eclesiástico pentecostal

Não há como analisar a pregação sem analisar a realidade cristã, o cenário da comunidade, local onde a palavra é proferida. São realidades que se entrelaçam, e a dinâmica de influência é confusa, de tal modo que, é quase impossível dizer se o ambiente influencia a pregação, ou se esta influencia aquele. Provavelmente essa seja uma relação de simbiose onde as dimensões se influenciam. Carvalho escreveu:

A história do cristianismo é também a história da pregação. O cristianismo é, essencialmente, uma religião que nasce da Palavra de Deus e vive em função da Palavra de Deus. Sem cristianismo não haveria pregação, sem pregação não haveria cristianismo.³

³ CARVALHO, E. Pregação expositiva: Um apelo aos pregadores pentecostais. In: POMMERENING, Claiton Ivan (Org.). *Entre flores e espinhos: o Espírito em movimento na Assembleia de Deus*. Joinville: Refidim, 2013. p. 173 - 184.

Se a história do cristianismo e da pregação é a mesma, logo a realidade contemporânea do cristianismo revela também a realidade da pregação. Realmente, não há possibilidade de fragmentação entre pregação e cristianismo, um é necessariamente consequência do outro.

O pentecostalismo de maneira especial tem o lugar da pregação cristalizado, como o mais importante, e intocável momento de suas reuniões. O pentecostalismo “deu significado todo peculiar e espiral à pregação em sua liturgia. O povo pentecostal tem na pregação sua maior fonte de alimentação espiritual pela palavra de Deus”.⁴ No mesmo artigo o autor afirma ainda que os pentecostais esperam que o pregador seja “aquele que conhece profundamente a bíblia e nela encontra a principal fonte de suas mensagens. É fervoroso, cheio do Espírito Santo”.⁵ Essa parece que é a imagem do pregador ideal, que faz o que a tarefa propõe, dentro da realidade em que está inserida, a pentecostal, munido de todo o ferramental disponível para o desempenho de tal tarefa. Não obstante isso, o autor também assevera que “Nem sempre esta imagem condiz com a realidade”.⁶

1.2 O pregador pentecostal

Na pregação cristã não deveria existir diferença em termos essenciais nas questões de mensagem entre o pentecostalismo, e o que vem sendo desenvolvido ao longo da história da igreja. Cabral diz que “Há dois tipos de pregadores. Os conservadores, que procuram pregar sempre com expressão moderada e formal; e os pentecostais, que se expressam de modo mais liberal”.⁷ Mesmo tendo a mesma essência, o pregador pentecostal parece um “outro tipo”, na fala de Cabral parece ser impossível ser pregador,

⁴ CARVALHO, 2013, p. 174.

⁵ CARVALHO, 2013, p. 174.

⁶ CARVALHO, 2013, p. 174.

⁷ CABRAL, Elienai. *O pregador eficaz*. 6. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. p. 39.

pentecostal e também conservador, não existe a possibilidade no pentecostalismo de pregar “com expressão moderada e formal”. Verdadeiramente, aí consiste a diferença básica, quando o pregador pentecostal dá maior vazão às emoções no momento da pregação, pelo entendimento particular do pentecostalismo sobre a atuação do Espírito Santo na contemporaneidade, o pentecostalismo permite, e até mesmo pede um dinamismo diferente do pregador nas suas comunidades.

Mesmo com essa maior liberdade que o pentecostalismo proporciona na prática da pregação,

O pregador precisa dominar suas emoções, equilibrar-se entre a razão e a emoção. Não pode ser robô, tampouco emocionar-se a ponto de perder o domínio da situação. O pregador emotivo pode perder-se do objetivo do sermão, e o racional torná-lo cansativo e seco. Emoção e ardor podem andar juntos, [...]. O sermão equilibrado terá sucesso garantido.⁸

Assim, o equilíbrio também é recomendável ao pregador pentecostal. De fato, o que se vê em larga escala nos púlpitos pentecostais são pregadores emotivos, que ao defenderem uma suposta liberdade de atuação do Espírito perdem-se nas emoções e prejudicam o corpo de Cristo, por negligenciarem a importância e o verdadeiro propósito da pregação.

Daí surge outra questão que envolve o pregador pentecostal, a falta de primor intelectual, o quase desprezo pelo conhecimento sistemático. Uma característica louvável que veio com o pentecostalismo foi a possibilidade do ministério de leigos, mas também isso gerou uma repulsa pelo intelectualismo, que causa sérios danos até aos dias de hoje. E a pregação, naturalmente, foi amputada por falta de esclarecimento de algumas situações e características do pentecostalismo. Ora, “A igreja apostólica era uma igreja que aprendia. Com isso, deduzimos que o anti-

⁸ CABRAL, 1995, p. 63.

intelectualismo e a plenitude do Espírito são incompatíveis, pois o Espírito Santo é o Espírito da verdade”.⁹ E isso faz com que seja necessário que o conhecimento seja pré-requisito para se cumprir a tarefa da pregação. “Um pregador ocioso na busca de conhecimentos gerais, seculares e bíblicos, será medíocre e vazio na apresentação da mensagem”.¹⁰

É indispensável o conhecimento, e a busca por ele é tarefa do pregador, ou dedica-se a essa busca ou invariavelmente os sermões se tornarão “monótonos. Pregadores repetitivos não despertam interesse no povo”.¹¹

1.3 A pregação pentecostal na atualidade

A pregação pentecostal na atualidade precisa atentar para a questão da atualidade da prédica, precisa-se pregar hoje, para o povo de hoje e nas dinâmicas sociais contemporâneas. Assim, a prédica dos apóstolos e dos grandes pregadores que ficaram na história não deve ser copiada literalmente. Por isso mesmo que neste trabalho buscou-se a essência da pregação apostólica, e ideias mais essenciais em geral do que questões técnicas propriamente ditas.

Existe uma resistência inculta, que diz que contextualizar mensagem é desnecessário, porque “Deus não muda”, logo não se pode também mudar, falam como se a atualidade fosse idêntica à realidade bíblica, se nada de fato tivesse mudado na igreja. Cabral afirma:

Só a Palavra de Deus não muda, mas os homens e seus costumes mudam, e os pregadores precisam, sem romper com os conceitos antigos e eternos, contextualizar sua mensagem. Não podemos pregar à geração atual como se estivéssemos no passado.¹²

⁹ LOPES, Hernandes Dias. *Atos: a ação do Espírito Santo na vida da igreja*. São Paulo: Hagnos, 2012. p. 66.

¹⁰ CABRAL, 1995, p. 59.

¹¹ CABRAL, 1995, p. 60.

¹² CABRAL, 1995, p. 44.

Contextualizar a mensagem pregada não é uma opção, mas uma necessidade para que o evangelho bíblico tenha o que dizer, e seja Palavra de Deus para a geração contemporânea.

É fato que,

A explanação se torna relevante quando provê a contextualização que possibilita a aplicação e as ilustrações, que fazem o ouvinte compreender o texto, sentindo que o sermão está sendo dirigido diretamente a ele e que isso exige dele uma resposta em mudanças comportamentais.¹³

E isso vai além de simplesmente buscar elementos atuais e inseri-los na pregação. Fazer uma “atualização” simplesmente por fazer, fora do contexto daqueles a quem se fala, é mais prejudicial do que não fazê-la. “Para ser relevante, a pregação precisa considerar o homem, seus sonhos, suas realizações, suas potencialidades e seus problemas”.¹⁴ Considerar o público a quem fala, dentro do seu contexto é imprescindível para a contextualização da mensagem pregada. Assim sendo, “ao mesmo tempo que procuramos descobrir o significado e as possibilidades do nosso texto, temos a responsabilidade de procurar conhecer o ouvinte. Enquanto nos debruçamos sobre o texto, devemos ter em mente as pessoas que ouvirão”.¹⁵ E “O pregador que investe nas pessoas recebe a recompensa de ter ouvintes envolvidos no que está sendo comunicado”.¹⁶ Os pregadores comunicam a Palavra de Deus as pessoas, logo devem conhecer tanto a Palavra quanto as pessoas à quem ministram.

Ainda que o cenário não seja dos mais animadores e os desafios sejam grandes, o tempo próprio para a pregação é o “aqui e agora”. Também os apóstolos passaram, temos apenas o que ficou registrado de seus atos e

¹³ MORAES, Jilton. *Homilética: da pesquisa ao púlpito*. São Paulo: Vida, 2005. p. 159.

¹⁴ MORAES, 2013, p. 130.

¹⁵ MORAES, 2013, p. 156.

¹⁶ MORAES, 2013, p. 136.

pregações, portanto, aqueles que devem pregar somos nós. Com essas constatações parece ainda mais obscuro o futuro da pregação, entretanto, uma definição de Karl Barth traz esperança, diz ele:

A pregação é a Palavra de Deus pronunciada por Ele mesmo. Deus utiliza como lhe apraz o serviço de um homem que fala em Seu Nome a seus contemporâneos, por meio de um texto bíblico. Este obedece assim a vocação que recebeu na Igreja e, por este ministério, à Igreja se conforma a sua missão.¹⁷

Assim, mesmo que não seja a regra, podemos ter a certeza de que em algum lugar, em algum momento, a Palavra de Deus de fato estará sendo pregada.

Ademais devemos estar cõscios também que “a pregação é uma ação humana, isto é, eivada de pecado”. Barth fala isso ao abordar “o caráter provisório da pregação,” buscando esclarecer “que a pregação precede alguma coisa da qual ela é sinal anunciador”, e que aqui onde a pregação acontece é o “lugar de passagem da justificação à santificação”.¹⁸ Assim sendo, estará sempre permeada de faltas e limitações. Cientes disso haverá maior disposição na tarefa de buscar um caminho mais próximo ao ideal de pregação de Cristo.

No meio pentecostal é preciso superar a era dos jargões impactantes, do “receba”, do “repita comigo”, e passar a ficar “apenas” com a Palavra de Deus. Stott, também um pregador aconselha que,

Nós, que somos chamados para ser pregadores cristãos hoje, devemos fazer o possível para ajudar a congregação a deixar para trás os lemas emprestados e os lugares-comuns mal-considerados e, pelo contrário, desenvolver seus poderes da crítica intelectual e moral, ou seja, sua capacidade de distinguir entre a verdade e o erro, entre o bem e o mal. É natural que

¹⁷ BARTH, Karl. *A proclamação do evangelho*. São Paulo: Centro Acadêmico “Eduardo Carlos Pereira”, 1963. Disponível em: <http://monergismo.com/wp-content/uploads/proclamacao_evangelho_barth.pdf> p. 5. Acesso em: 15 de novembro 2014.

¹⁸ BARTH, 1963, p. 19.

devamos encorajar uma atitude de submissão humilde às Escrituras, mas, ao mesmo tempo, deixar claro que não afirmamos nenhuma infalibilidade pelas nossas interpretações das Escrituras. Devemos conchamar nossos ouvintes a “testar” e “avaliar” nossos ensinamentos. Não devemos querer que as pessoas fiquem “encantadas” com nossa pregação, nem hipnoticamente fixadas nas nossas palavras, nem embebidas nelas como esponjas.¹⁹

Os “modismos” de pregações não se sustentam, não promovem o verdadeiro crescimento do corpo de Cristo na terra. Assim, parece que para os pregadores de fato comprometidos com a causa do evangelho, a posição mais cômoda é aquele fica atrás da Palavra, que “some” diante da poderosa e viva Palavra de Deus.

2 ATOS 2-4 COMO PARADIGMA DA PREGAÇÃO PENTECOSTAL

A ação inicial do livro de Atos dos Apóstolos é do Jesus ressurreto, com breves diálogos sucedidos de sua ascensão. Após esses acontecimentos, Pedro faz um breve discurso e Matias é escolhido substituto de Judas, o traidor. Então,

Cinquenta dias após a ressurreição de Cristo e dez dias após a ascensão, o Espírito Santo foi derramado sobre aqueles que estavam orando no cenáculo. Nesse mesmo dia, Pedro pregou uma mensagem cristocêntrica, e cerca de três mil pessoas foram convertidas, batizadas e agregadas à igreja.²⁰

No mesmo dia, como resposta à descida do Espírito e o que ela causou naqueles sobre os quais desceu, Pedro faz a primeira pregação cristã. Lopes afirma que “Sempre que alguém ficou cheio do Espírito no livro de Atos começou a pregar (At 1.8; 2.4,11,14,41; 4.8,29-31; 6.5,8-10; 9.17-22). A plenitude do Espírito nos dá poder para pregar com autoridade”.²¹

¹⁹ STOTT, John. *Eu creio na pregação*. São Paulo: Vida, 2003. p. 188.

²⁰ LOPES, 2012, p. 20.

²¹ LOPES, 2012, p. 54,55.

É natural pensar nos acontecimentos relatados no livro de Atos como base, modelo para qualquer aspecto do cristianismo. A igreja do Senhor, sob a novidade da morte e ressurreição de Jesus Cristo, começa a tomar forma no cenário desenhado por Lucas em Atos dos Apóstolos. Atos é o relato histórico “inspirado” do nascimento do cristianismo, começando a organizar-se em igrejas, com todas as particularidades que subentendem-se dessas afirmações. Porém, “Atos não é apenas a história da igreja apostólica em sua jornada até a capital do Império, mas é também uma cuidadosa coletânea de discursos, especialmente de Pedro e Paulo”.²²

A igreja apostólica, fundamentada do evento de Pentecostes, toma forma permeada pelos discursos, pelas prédicas dos apóstolos, particularmente apresentada nos primeiros capítulos nos dois célebres discursos de Pedro, que elevam a milhares o número dos salvos, em Pentecostes restritos a 120. Asseverando esse fato Stott afirma que o título do livro é incompleto, mesmo que os “Atos” se refiram aos de Cristo, aos do Espírito ou aos dos apóstolos; pois ele contém igualmente “discursos” e “atos”.²³

Embora não haja nas prédicas registradas em Atos um rigor quanto à forma e a observância de regras hoje estabelecidas para a prática da pregação, Lopes afirma que “Os vários sermões registrados em Atos servem de modelos homiléticos”.²⁴ Isso naturalmente em termos de conteúdo, e propriamente na construção lógica, tendo em vista o propósito da prática da pregação, que hoje é semelhante ao momento inicial registrado no livro de Atos.

²² LOPES, 2012, p. 25.

²³ STOTT, John. *A mensagem de Atos*. São Paulo. ABU Editora, 1994. p. 72.

²⁴ LOPES, 2012, p. 25.

2.1 O registro das pregações

Ao se reconhecer as prédicas relatadas em Atos como modelo para a prática contemporânea da pregação, deve-se partir de como ocorreram os registros desses discursos. Stott apresenta algumas possibilidades correntes na teologia, que na crítica moderna apresenta o ceticismo de atribuir os discursos a Lucas, que “colocou” as falas na boca de Pedro, Paulo e os outros de quem supostamente registrou a prédica. De fato é quase nula a possibilidade de Lucas ter registrado as prédicas na íntegra, as de Pedro teriam durado no máximo poucos minutos, por exemplo. A posição mais razoável sobre os discursos registrados por Lucas “consiste em vê-los como resumos confiáveis daquilo que se disse em cada ocasião”.²⁵

Conquanto seja razoável entender os discursos registrados em Atos como resumos das prédicas proferidas em cada ocasião, é preciso admitir a maestria com que Lucas registra as prédicas, pois mesmo como resumos, dão esboço de uma pregação completa, como Lopes analisa o sermão de Pedro no capítulo 2, considerando o seguinte:

O padrão e os temas da mensagem pregada por Pedro tornaram-se comum na igreja primitiva: a) a explanação dos eventos (2.14-21); b) o evangelho de Jesus Cristo – sua morte, ressurreição e exaltação (2.22-36); c) uma exortação para o arrependimento e batismo (2.37-40).²⁶

Assim, mesmo aceitando como resumo os discursos apostólicos de Atos, de fato tem-se uma sólida base para a pregação cristã a partir dos discursos de Atos, genuínas pregações daqueles que foram pessoalmente comissionados por Cristo, ou em alguns casos daqueles alcançados por estes.

²⁵ STOTT, 1994, p. 74.

²⁶ LOPES, 2012, p. 60,61.

2.2 A pregação apostólica

Nesta seção serão analisadas as duas mensagens proferidas por Pedro no início do livro de Atos, a proferida no dia de Pentecostes (cap. 2), e a mensagem pregada à porta do templo na ocasião da cura do paraplético (cap. 3).

Embora tenhamos sempre a citação de Cristo como o Grande pregador, e de fato o foi, na prédica apostólica há uma mudança radical em relação ao foco da pregação de Jesus. Isso fica evidente já no discurso de Pedro no dia de Pentecostes, Brown faz um esboço da fala do apóstolo, destacando seu caráter cristológico. Afirma ser notável,

o fato de Pedro começar tal proclamação com o que chamaríamos de termos veterotestamentários: citando uma profecia. O início afirma a consciência fundamental daquilo que Deus realizou em Jesus Cristo com o que o Deus de Israel fez e prometeu ao povo da aliança. A seguir Pedro volta a contar o que Deus levou a cabo em Jesus: um breve sumário de suas ações portentosas, a crucifixão e ressurreição, culminando com as provas escriturísticas de que Jesus era o Senhor e o Messias.²⁷

Observa-se claramente que a ênfase da fala de Pedro é exclusivamente em Jesus Cristo. Ele anuncia-se a si mesmo. Mas toda a mensagem apostólica confirma essa tendência que se inicia com Pedro, é “como se não pudessem anunciar o reino sem primeiro contar sobre aquele por intermédio do qual o reino se tornou presente”.²⁸

“Quando lemos os primeiros sermões de Pedro em Atos 2 a 5 temos a impressão que estamos ouvindo a primeira formulação apostólica

²⁷ BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 399.

²⁸ BROWN, 2012, p. 400.

do evangelho”.²⁹ De fato identifica-se uma construção do evangelho de Cristo que seria pregado em Jerusalém, Judéia, Samaria e chegaria “aos confins da terra”, e é asseverado e desenvolvido teologicamente nas cartas apostólicas endereçadas às igrejas da época. Discorrendo especificamente sobre o primeiro sermão de Pedro, Pommerening descreve que “Sua mensagem foi denunciar o que foi feito com Cristo, seus milagres, sofrimento, morte e ressurreição e glorificação, porém o ponto central é Sua morte e ressurreição”.³⁰ Dessa primeira construção evangélica apostólica, Lopes identifica cinco verdades essenciais sobre a pregação apostólica, baseado na fala de Pedro no capítulo 2 de Atos, a saber: 1. Era “*uma pregação cristocêntrica*”; 2. “*uma pregação eficaz quanto ao seu propósito (2.37)*”; 3. “*uma pregação clara em suas exigências (2.38)*”; 4. “*uma pregação específica quanto à promessa (2.38-40)*”; 5. “*uma pregação vitoriosa quanto aos resultados (2.41)*”.³¹ Aqui definitivamente tem-se esboçado uma sólida base para a pregação. Essas verdades têm caráter atemporal, e se aplicam sem reservas a pregação seja no tempo, contexto social, realidade eclesial que for. Qualquer pessoa que se lance a tarefa da pregação tem nessas verdades o elemento norteador de sua missão.

A centralidade de Cristo é evidente na pregação apostólica, fica claro ainda os assuntos que eram abordados nos sermões: “Cristo como Senhor, sua morte e ressurreição e confissão de pecados (ou arrependimento). Os milagres, sinais e maravilhas sempre eram derivados desta pregação, sem eles incitarem o povo a desejar-los”.³² Portanto, um importante paradigma para a pregação pentecostal atual.

²⁹ STOTT, 1994, p. 76.

³⁰ POMMERENING, Claiton Ivan. (Org.). *Entre flores e espinhos: o Espírito em movimento na Assembleia de Deus*. Joinville: Refidim, 2013. p. 15.

³¹ LOPES, 2012, p. 61-64.

³² POMMERENING, 2013, p. 17.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É um desafio e tanto seguir esses conselhos. Seria sair da comodidade do posto de detentores de prerrogativas místicas, que supostamente envolvem a tarefa da pregação, e tornar-se acessível para comunidade da fé. Seria aceitar ser “apenas” um despenseiro, um arauto, um embaixador da Palavra e do Reino de Deus, afinal, é isso que ensinam as Escrituras.

Permitir-se questionar, não impor interpretações pessoais como se fossem Palavra de Deus, não transformar a criatividade, que de fato é necessária ao pregador, em elemento que traz uma “nova revelação”. Talvez, na lógica contemporânea que impera, essa postura venha privar o pregador de algumas regalias que desfruta, regalias essas baseadas em falácias que se cristalizaram ao longo do tempo para benefício do “clero” da pregação contemporânea.

É exigida ao pregador a singeleza, a postura humilde, fato que é algo ilógico e até irreal na contemporaneidade. Essa postura tira uma grande parte do charme, do fascínio da tarefa da pregação, o que por certo fará com que menos sejam atraídos a essa tarefa. Só então se dará um passo adiante, pois muito mais facilmente, de fato, apenas os vocacionados se lançarão à tarefa da pregação.

Parece que sem os subterfúgios que a pregação atualmente lança mão, a beleza e o impacto da pregação fica diminuído. Mas, ao contrário, é exatamente na singeleza da pregação que reside seu impacto, seu alcance e sua persuasão. Quando enfim os pregadores se aperceberem desses fatos então a pregação voltará a causar “alvoroço” no povo, e isso será permanente, não passará quando os cristãos acordarem na segunda-feira pela manhã.

A pregação de fato alcançará seu objetivo, a saber, confrontar o pecado, levar ao arrependimento e proporcionar comunhão com Deus através da vida dos chamados à pregação.

“Prega a palavra, insta a tempo e fora de tempo, admoesta, repreende, exorta, com toda a longanimidade” (2 Tm 4.2).³³

³³ BÍBLIA. Português. A Bíblia Sagrada: tradução de João Ferreira de Almeida Edição Contemporânea. São Paulo: Vida, 1990.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. *A bíblia sagrada*: tradução de João Ferreira de Almeida Edição Contemporânea. São Paulo: Vida, 1990.

BARTH, Karl. *A proclamação do evangelho*. São Paulo: Centro Acadêmico “Eduardo Carlos Pereira”, 1963. Disponível em: <http://monergismo.com/wp-content/uploads/proclamacao_evangelho_barth.pdf> Acesso em: 15 de novembro 2014.

BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

CABRAL, Elienai. *O pregador eficaz*. 6. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

LOPES, Hernandes Dias. *Atos: a ação do Espírito Santo na vida da igreja*. São Paulo: Hagnos, 2012

MORAES, Jilton. *Homilética: da pesquisa ao púlpito*. São Paulo: Vida, 2005.

POMMERENING, Claiton Ivan (Org.). *Entre flores e espinhos: o Espírito em movimento na Assembleia de Deus*. Joinville: Refidim, 2013.

POMMERENING, Claiton Ivan. *Pentecostalismo líquido: fluidez teológica entre os pentecostalismos*. Azusa: Revista de Estudos Pentecostais. Joinville: Refidim, vol. IV, nº 1, p. 7-22, 2013.

STOTT, John. *A mensagem de Atos*. São Paulo. ABU Editora, 1994.

_____ *Eu creio na pregação*. São Paulo: Vida, 2003.